

## DA PROMESSA À DOMESTICAÇÃO: MEMÓRIA E FORMAÇÃO DO SUJEITO MORAL EM NIETZSCHE

### FROM PROMISE TO DOMESTICATION: MEMORY AND THE FORMATION OF THE MORAL SUBJECT IN NIETZSCHE

Alysson da Silva Lopes<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-1031-5589>

Gustavo Bezerra do Nascimento Costa<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-0564-0133>

**Resumo:** O presente artigo investiga o papel da memória na formação do sujeito moral na filosofia de Nietzsche, enfatizando sua gênese histórica a partir de processos de violência, disciplina e domesticação dos instintos. A partir da *Genealogia da Moral*, especialmente da Segunda Dissertação, analisa-se como a capacidade de prometer emerge de práticas de adestramento que inscrevem no corpo e na psique marcas duradouras, transformando o sofrimento em instrumento de fixação da memória. Nesse contexto, a interiorização da crueldade conduz à formação da culpa, da responsabilidade e da má consciência, elementos que estruturam a subjetividade moral. A memória, portanto, não é compreendida como faculdade neutra ou natural, mas como dispositivo de poder que organiza os instintos e torna o homem previsível e responsável, convertendo-o em devedor de si mesmo. Ao contrapor a memória moral à memória vital, o estudo evidencia a possibilidade de uma transvaloração, na qual o esquecimento ativo e a afirmação trágica da vida permitem superar a lógica da culpa. Dessa forma, busca-se mostrar que a libertação da memória domesticadora pode reconciliar o sujeito com o dever, restaurando sua potência criadora e afirmativa.

**Palavras-chave:** Nietzsche; memória; domesticação; má consciência; genealogia da moral.

**Abstract:** This article investigates the role of memory in the formation of the moral subject in Nietzsche's philosophy, emphasizing its historical genesis through processes of violence, discipline, and the domestication of instincts. Based on *On the Genealogy of Morality*, particularly the Second Essay, the study analyzes how the capacity to make promises emerges from practices of training that inscribe lasting marks on both body and psyche, transforming suffering into a mechanism for fixing memory. In this context, the internalization of cruelty leads to the formation of guilt, responsibility, and bad conscience, which become fundamental elements in structuring moral subjectivity. Memory, therefore, is not understood as a neutral or natural faculty, but rather as a device of power that organizes instincts and makes human beings predictable and accountable, turning them into debtors to themselves. By contrasting moral memory with vital memory, the study highlights the possibility of a transvaluation in which active forgetting and the tragic affirmation of life allow for overcoming the logic of guilt. In this way, the article argues that liberation from domesticated memory may reconcile the subject with becoming and restore the creative and affirmative power of existence.

**Keywords:** Nietzsche; memory; domestication; bad conscience; genealogy of morality.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: alysson.s.f.n@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor adjunto do Curso de Filosofia e membro permanente do Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE. É ainda coordenador do grupo de pesquisa GENi - Grupo de Estudos Nietzsche UECE. Email: gustavobn.costa@uece.br.

## Abreviaturas

- A           Aurora: Reflexões sobre os preconceitos morais (1881)  
GM         Genealogia da moral (1887)  
Z           Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém (1883 – 1885)

## Introdução

A *Genealogia da Moral*, em sua *Segunda Dissertação*, situa a questão da memória como decisiva para compreender a formação do sujeito moral. Nietzsche mostra que a memória não constitui uma faculdade originária; ela emerge, ao contrário, de um processo histórico em que práticas de violência e adestramento imprimem marcas duradouras no corpo e configuram disposições psíquicas. Nesse sentido, a memória revela-se menos uma capacidade inata do espírito e mais um produto de técnicas sociais de domesticação, por meio das quais o homem se torna capaz de prometer. Nessa perspectiva, a memória aparece como ponto de articulação entre a constituição da moralidade e os mecanismos de poder que organizam os instintos, permitindo compreender a genealogia como investigação crítica das condições em que se formam tanto os valores quanto as subjetividades.

Desse modo, o problema da memória, tal como formulado por Nietzsche, ultrapassa a análise de uma função psicológica e insere-se no horizonte mais amplo da crítica genealógica aos valores. A investigação de como o homem se tornou “um animal que pode *fazer promessas*” (GM – II §1) evidencia tanto a violência constitutiva da moralidade quanto os dispositivos históricos que moldaram a subjetividade ocidental. O interesse filosófico dessa questão reside em mostrar que a moral não deriva de uma essência humana, mas resulta de processos de adestramento, repetição e interiorização, cuja marca mais duradoura é a memória. Ao delimitar como corpus central os §1–3 da Segunda Dissertação, busca-se examinar de que maneira Nietzsche articula promessa, dívida e responsabilidade, evidenciando a memória como condição da emergência do sujeito moral e, simultaneamente, como sintoma da domesticação dos instintos.

Nietzsche descreve esse processo de formação da memória como um trabalho de inscrição violenta sobre o corpo. Para que o homem aprendesse a prometer, foi necessário imprimir nele marcas que impedissem o esquecimento das obrigações. A dor aparece, nesse contexto, como meio privilegiado de fixação, pois nada é mais eficaz para gravar uma lembrança do que o sofrimento repetido (GM – II §3). A genealogia mostra, assim, que a

responsabilidade e a capacidade de responder por si mesmas foram conquistadas a partir de práticas de crueldade que transformaram o corpo em suporte da memória. Clark (1994) interpreta essa concepção indicando que a memória nietzscheana deve ser compreendida como resultado de processos históricos de disciplina, em vez de uma função cognitiva. Reginster (2011) acrescenta que esse vínculo entre sofrimento e interiorização inaugura o terreno sobre o qual a moralidade pôde se erguer, evidenciando que a gênese do sujeito moral está associada a técnicas de violência e coerção.

Lemm (2009) enfatiza que a memória, ao ser produzida pela repetição de práticas punitivas, converte-se em um instrumento de domesticação que restringe o campo de ação dos instintos. O que se inaugura, nesse processo, é uma disciplina voltada para a contenção da crueldade, cuja força, impedida de se exteriorizar, volta-se contra o próprio sujeito. Giacoia Jr. (2013) observa que essa interiorização da violência, longe de representar simples supressão dos impulsos, constitui um redirecionamento que organiza a vida psíquica e funda a possibilidade de responsabilidade. A memória aparece, assim, como efeito de técnicas de domesticação que grava no corpo e no espírito a necessidade de responder por si, estabelecendo a base histórica para o surgimento do sujeito moral.

Assim, o presente artigo tem como objetivo demonstrar que a memória, na perspectiva nietzscheana, não corresponde a uma faculdade natural do espírito, mas a um dispositivo histórico de domesticação que possibilita o surgimento do sujeito moral. Tal compreensão, ao evidenciar a inscrição da violência como condição da promessa e da responsabilidade, amplia o alcance da crítica genealógica e ilumina os processos de constituição da subjetividade. Além de situar a memória no centro da análise da moral, a investigação mostra sua pertinência para pensar a articulação entre poder, disciplina e modos de vida. Para tanto, o percurso argumentativo será dividido em três momentos: em primeiro lugar, a exposição do problema da memória e sua ligação com a promessa; em seguida, a análise do vínculo entre sofrimento, dívida e interiorização; e, por fim, a discussão acerca da memória como processo de domesticação, no qual se enraíza a gênese do sujeito moral.

### **Memória e promessa na Genealogia da Moral**

O ponto de partida da análise nietzscheana encontra-se na formulação inaugural da *Segunda Dissertação*: a tarefa de explicar como o homem se tornou um animal capaz de prometer (GM – II §1). A faculdade de assumir compromissos e responder por eles não é um dado natural, mas o resultado de um longo processo de disciplina. Para que o esquecimento fosse suspenso e determinadas impressões permanecessem fixas, tornou-se necessário instaurar

práticas de adestramento que transformaram a memória em um instrumento de responsabilidade. O problema da promessa, nesse sentido, revela-se inseparável do problema da memória, pois a capacidade de manter a palavra empenhada depende da possibilidade de reter e conservar o vínculo da obrigação.

Nietzsche descreve esse processo como uma inscrição lenta e dolorosa no corpo. O homem aprendeu a prometer à custa de violência, gravando as obrigações sob a forma de marcas indelévels. No §3 da *Segunda Dissertação*, o filósofo observa que nada fixa mais profundamente uma lembrança do que a dor, razão pela qual a crueldade desempenhou papel decisivo na gênese da responsabilidade. As promessas foram, assim, inscritas pelo sofrimento, assegurando que o devedor se lembrasse de suas dívidas e cumprisse sua palavra. A memória emerge, portanto, como produto de uma pedagogia violenta que transforma os instintos em suportes de regularidade e prepara o terreno para o surgimento da consciência moral (GM – II §3).

Clark (1994) interpreta essa passagem como uma ruptura com a tradição que concebia a memória como faculdade cognitiva do espírito. Para Nietzsche, ela é resultado de práticas históricas de coerção, nas quais o sofrimento foi mobilizado para fixar compromissos e assegurar a previsibilidade da conduta. A memória, compreendida dessa forma, deixa de ser uma função neutra do espírito e passa a operar como dispositivo de poder, organizando o comportamento e possibilitando a responsabilidade. Prometer deixa de ser expressão de autonomia originária e torna-se o efeito de uma longa formação disciplinar que domesticou os instintos e estruturou a vida psíquica sob o signo da obrigação.

Como o próprio Nietzsche escreve: “Criar um animal que possa *fazer promessas* — não é esta a tarefa paradoxal que a natureza se impôs, com relação ao homem?” (GM – II §1). Para que tal transformação fosse possível, foi preciso imprimir na carne marcas duradouras, inscritas com dor e repetição. Como ele afirma: “[...] apenas o que não cessa de *causar dor* fica na memória” (GM – II §3). A lembrança não resulta, assim, de uma atividade espontânea do espírito, mas de um processo de inscrição violenta que associa sofrimento à obrigação, transformando o corpo em suporte da responsabilidade.

Reginster (2011) aprofunda essa leitura ao destacar que a ligação entre dor e interiorização funda o espaço em que a moralidade pode emergir. O sofrimento fixa a obrigação e inaugura uma nova economia pulsional, na qual a energia dos instintos é redirecionada para dentro e reorganizada segundo normas sociais. A memória garante, desse modo, a constância da promessa e estabelece as condições de possibilidade da responsabilidade. O sujeito moral

nasce dessa experiência de coerção, pois é a dor inscrita no corpo que converte a dívida em vínculo duradouro e a obrigação em princípio de identidade.

Lemm (2009) observa que esse processo constitui o núcleo da domesticação: a memória funciona como mecanismo de contenção que delimita o campo de ação dos instintos e transforma a violência em interioridade. Ao impedir a descarga imediata da crueldade, a cultura redireciona sua força para dentro, criando o espaço psíquico em que a consciência se forma. Giacoia Jr. (2013) acrescenta que essa interiorização, longe de suprimir a agressividade, converte-a em energia reflexiva, permitindo ao sujeito sustentar compromissos e agir com previsibilidade. A vida psíquica, assim, adquire profundidade e estabilidade à medida que a violência externa é absorvida e reorganizada internamente.

A reflexão de Nietzsche sobre a memória revela, portanto, uma genealogia da moralidade constituída na violência, na repetição e na interiorização. A promessa e a responsabilidade emergem como efeitos de práticas que moldam o corpo e produzem um tipo humano capaz de responder por si. O sofrimento, convertido em princípio de registro e disciplina, torna-se o fundamento da consciência moral e o signo da sujeição dos instintos. A partir desse quadro, abre-se o caminho para a questão do esquecimento ativo, que se apresentará como contrapeso vital à fixação da memória e condição para a possibilidade de criação de novos valores.

### **Do esquecimento ativo à inscrição da dívida**

O problema do esquecimento ocupa um lugar central na economia da vida em Nietzsche, pois diz respeito a uma força vital de seleção e equilíbrio, e não a uma falha da memória. O esquecimento ativo atua como princípio de organização dos impulsos, condição necessária para a saúde do espírito e para a capacidade de agir. Em vez de apagar o passado, ele o administra, permitindo que o indivíduo conserve apenas o que serve à vida e abandone o que ameaça sobrecarregá-la. Essa função seletiva assegura à consciência o repouso e a disponibilidade, libertando-a do acúmulo de impressões e ressentimentos. Trata-se, portanto, de uma faculdade afirmativa, voltada à preservação da vitalidade. Nietzsche a descreve como “[...] força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido [...]”, indispensável à digestão psíquica e à assimilação da experiência (GM – II §1).

Hatab (2010) observa que o esquecimento, nessa perspectiva, não é o oposto da memória, e sim sua condição de possibilidade. A faculdade de esquecer assegura à vida um ritmo próprio, impedindo que o passado se imponha como tirania. Esquecer é, nesse sentido, um gesto de liberdade, uma defesa contra a fixação do vivido e contra o peso da repetição. O

homem que esquece ativamente é capaz de começar de novo, de reconfigurar o campo de suas forças sem estar condenado ao retorno compulsivo da dor. Essa capacidade de renovação é, contudo, ameaçada pela exigência de estabilidade social, que demanda previsibilidade e responsabilidade. É nesse ponto que o esquecimento ativo é contido e convertido em memória moral.

A tarefa de transformar o homem em “[...] um animal que pode *fazer promessas* [...]” (GM – II §1) exige a suspensão dessa espontaneidade vital. A promessa pressupõe que certas impressões se tornem indelévels, o que implica a fixação da obrigação e a limitação da capacidade de esquecer. Como mostra Danto (1994), a genealogia da responsabilidade descrita por Nietzsche é inseparável de uma pedagogia da dor, na qual o sofrimento opera como técnica de gravação. A memória nasce de um processo histórico de violência simbólica, em que o corpo é transformado em suporte da dívida. A crueldade, longe de ser um desvio, constitui o instrumento necessário para inscrever no sujeito as marcas da obrigação e fazer da lembrança uma forma de coerção.

Janaway (2007) aprofunda essa análise ao destacar que o sofrimento, convertido em meio de interiorização, inaugura uma nova economia pulsional: os instintos, impedidos de se descarregar no exterior, voltam-se para dentro, dando origem à consciência moral. A dor deixa de ser apenas efeito do castigo e passa a operar como princípio de formação subjetiva. Essa interiorização da violência — que Nietzsche descreve como “criação da alma” — estabelece o terreno sobre o qual se erguem a culpa e a responsabilidade. O homem aprende a responder por si ao preço de transformar sua agressividade em autoviolência.<sup>34</sup>

A transformação da dor em princípio de interiorização marca um ponto decisivo na genealogia da moral. Ao redirecionar a violência para o interior, a cultura cria um novo tipo de regulação, em que o controle deixa de ser externo e passa a operar como autodomínio. A capacidade de prometer, que parece um sinal de autonomia, revela-se o resultado de um longo processo de disciplina, no qual os instintos foram reorganizados segundo exigências normativas. Como observa Leiter (2002), essa passagem expressa o momento em que a coerção social se internaliza e se converte em estrutura da subjetividade, o sujeito moral é um produto

---

<sup>3</sup> Nietzsche descreve essa interiorização como o momento em que os instintos, impedidos de descarregar-se no exterior, voltam-se contra o próprio sujeito, produzindo a “má consciência” (*schlechtes Gewissen*). “Todos os instintos que não se descarregam para fora *voltam-se para dentro* — isto é o que chamo de *interiorização do homem*: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua ‘alma’” (GM – II §16).

<sup>4</sup> *Schlechtes Gewissen* - má consciência; consciência pesada; consciência culpada (LINGUEE. *Schlechtes Gewissen*, Disponível em: <https://www.linguee.com.br/portugues-alemao/search?query=das+schlechte+Gewissen>. Acesso em: 17 de julho de 2025).

histórico, formado pela repetição de práticas que associam o sofrimento à estabilidade e a lembrança à obrigação.

Para Simon May (1999), essa transformação revela a ambiguidade fundamental da consciência, ela nasce como efeito da repressão, mas torna-se o espaço onde a vida tenta reinterpretar a própria dor. A interiorização da crueldade, ao mesmo tempo que produz a sujeição, cria condições para a emergência de um mundo interior, no qual a vontade busca novos modos de expressão. Essa duplicidade é constitutiva do homem moral, ele é, simultaneamente, o resultado da violência e o portador da possibilidade de superá-la.

Na economia genealógica da moral, a inscrição da dívida representa o momento de torção em que o esquecimento ativo é subtraído de sua função afirmativa e reconduzido ao domínio da norma. A memória, que outrora servia à criação e ao esquecimento necessário da vida, converte-se em instância de vigilância e retificação. O sofrimento, por sua vez, é elevado à condição de valor, tornando-se critério de virtude e sinal de obediência. É dessa inversão de forças que nasce a cultura moral, onde a potência de esquecer cede lugar à culpa e a memória, em vez de libertar, passa a domesticar.

### **Memória e domesticação: a gênese do sujeito moral**

A constituição da memória, na análise de Nietzsche, não se limita à fixação da dívida ou ao simples controle da crueldade. Ela inaugura um processo de domesticação em que os instintos passam a ser reconfigurados, produzindo uma nova forma de vida psíquica. O sofrimento, convertido em meio de interiorização, deixa de ser apenas um recurso punitivo e transforma-se em instrumento de disciplina permanente, moldando a conduta e orientando a experiência subjetiva. Nesta esfera, a memória aparece como dispositivo de adestramento, capaz de transformar o homem em ser responsável e previsível, em consonância com as exigências da vida social.

O filósofo enfatiza que esse processo de domesticação não poderia ter ocorrido sem a dor, já que nada jamais se fixou no homem sem que se lhe imprimisse com sangue (GM – II §3). A inscrição violenta das obrigações no corpo transformou o sofrimento em meio privilegiado para criar lembranças duradouras. A memória, nesse sentido, é menos uma faculdade espontânea do espírito do que o efeito de práticas sociais de coerção, pelas quais a vida em comunidade exigiu que o indivíduo se tornasse previsível e responsável. A promessa só pôde surgir como horizonte estável a partir dessa disciplina, que converteu a violência em recurso de formação subjetiva e instaurou um campo no qual o homem passou a responder por si e a se reconhecer como devedor.

A memória, uma vez constituída, deixa de operar apenas como registro de obrigações específicas e converte-se em princípio de normalização que atravessa a vida cotidiana. Ela torna o comportamento regular e calculável, transformando a constância em virtude e a previsibilidade em critério de confiabilidade. Esse deslocamento indica que a memória não se reduz a um mecanismo de lembrança, mas se cristaliza como hábito incorporado, um “segundo instinto” produzido pelo costume. É nesse sentido que Nietzsche fala em uma moralidade do costume [*Sittlichkeit der Sitte*<sup>5</sup>], na qual a repetição das práticas sociais imprime no corpo e na psique uma forma de obediência que já não depende da coerção imediata, mas se torna espontânea, naturalizada.

O filósofo desenvolve em *Aurora* a ideia de que, sob o domínio da moralidade do costume, toda manifestação de originalidade foi convertida em má consciência. A repetição incessante das práticas sociais assegurava comportamentos e instaurava uma suspeita diante do que se afastava da norma. Como observa o filósofo, “[...]sob o domínio da moralidade do costume, toda espécie de originalidade adquiriu má consciência[...]” (A §9). Esse diagnóstico revela que a domesticação consistiu em assegurar a regularidade das ações e, ao mesmo tempo, instaurar um regime afetivo em que a diferença e a criatividade passaram a ser vividas como transgressão. A memória moral, nesse quadro, cristaliza-se como um dispositivo de uniformização que reprime o novo, transformando a repetição em princípio organizador da vida coletiva.

Conforme analisa Deleuze (1962), essa dinâmica se manifesta por meio de uma reação negativa à vida, na qual a moralidade, em vez de promover a afirmação da existência, institui valores que enaltecem a fraqueza e condenam a força. Nessa perspectiva, o ressentimento mina a autonomia do indivíduo e atua como agente de corrosão cultural, restringindo a criatividade e limitando as possibilidades de autossuperação. A memória produzida nesse contexto já não serve à vitalidade, mas torna-se instrumento de sujeição, organizando a vida segundo um horizonte de negação e culpabilização.

Ao estabelecer a distinção entre diferentes modalidades de memória, Lemm (2009) sublinha que a vida se constitui por uma memória imanente ao organismo, que não se reduz à fixação do passado, mas se manifesta como abertura à criação e à transformação. Trata-se de uma memória que acompanha os processos de diferenciação, sustentando a vitalidade em sua

---

<sup>5</sup> *Sittlichkeit* - moralidade, moral, decência, decoro.

*Sitte* - costume, hábito. (LINGUEE. *Sittlichkeit der Sitte*, Disponível em: <https://www.linguee.com/portugues-alemao/search?query=Sittlichkeit+der+Sitte>. Acesso em: 28 de julho de 2025).

pluralidade de formas. De modo convergente, Haar (1998) observa que o próprio corpo já carrega uma memória incorporada, não dependente da consciência, mas inscrita no metabolismo e na capacidade seletiva de cada organismo. Essa perspectiva permite compreender que, em Nietzsche, a memória não se limita à forma repressiva forjada pela domesticação; há também uma memória plástica, vinculada à potência criadora da vida, cuja dinâmica contrasta com a memória moral. Enquanto esta cristaliza hábitos e reprime a diferença, aquela conserva a possibilidade de transformação e afirmação do devir.

A prevalência da memória moral sobre a memória vital marca, segundo Nietzsche, o triunfo de uma cultura orientada pela negação da vida. Quando a lembrança deixa de servir à criação e passa a operar como mecanismo de vigilância e repressão, o homem torna-se prisioneiro de suas próprias obrigações e de sua capacidade de recordar. Essa inversão inaugura o tipo humano ressentido, cuja relação com o passado é mediada pela culpa e pelo medo. O sofrimento, antes força formadora, converte-se em instrumento de autopunição, e a consciência, que deveria expressar potência, transforma-se em órgão de controle e limitação. A domesticação da memória, portanto, coincide com a domesticação da vontade, instaurando um modo de existência em que a interiorização se converte em servidão e a responsabilidade, em peso moral.

A inflexão pela qual a memória passa na filosofia de Nietzsche revela o momento em que a força vital, originalmente criadora e afirmativa, é capturada pelas exigências da convivência social e transformada em instrumento de regulação. Hatab (2010) observa que, ao interromper a espontaneidade do esquecimento ativo, a cultura converte a memória em um dispositivo de contenção, no qual o passado se impõe como obrigação e medida da ação. O sujeito domesticado deixa de agir a partir de suas forças criativas para responder a partir da expectativa social de previsibilidade, convertendo a lembrança em vigilância e o dever em forma de vida. Ferraz (1999) associa essa perda da capacidade de esquecer à figura do dispéptico — aquele que não digere o vivido e carrega consigo resíduos afetivos não assimilados. Nesse sentido, o homem moral torna-se prisioneiro de uma memória hipertrofiada, incapaz de esquecer e de criar, reproduzindo incessantemente o mesmo movimento de culpa e ressentimento que o distancia de sua potência afirmativa.

Essa dinâmica revela que a domesticação da memória não se limita à dimensão moral e afeta a própria estrutura afetiva e criadora do sujeito. Ao ser condicionado a reter, recordar e responder por si, o homem converte sua potência criadora em capacidade de obediência. O passado, antes campo de experiências transfiguráveis, torna-se medida de correção e vigilância. É nesse ponto que o sofrimento adquire um novo valor: deixa de ser expressão de força e torna-

se critério de moralidade. Como observa Janaway (2007), Nietzsche identifica nesse deslocamento o momento em que o padecimento se torna fonte de sentido, um meio pelo qual o indivíduo interpreta sua dor como sinal de virtude e redenção. A memória, assim, conserva e legitima o sofrimento, convertendo-o em instrumento de autodomínio e interiorização moral.

A partir desse ponto, a memória torna-se o centro de gravidade da subjetividade moral, sustentando o vínculo entre o passado e a obrigação. Ao registrar o sofrimento e convertê-lo em critério de virtude, ela consolida o poder da moral sobre a vida. O sujeito passa a experimentar sua própria dor como necessidade, interpretando-a como sinal de elevação espiritual. Nietzsche mostra que esse processo culmina na formação de uma consciência que se alimenta da culpa, isto é, de uma vontade que se volta contra si mesma e encontra prazer na punição. Trata-se de uma forma de gozo negativo, em que o padecimento oferece à vontade um sentido e uma finalidade, mesmo que às custas de sua força criadora. Como escreve o filósofo:

Essa oculta violação de si mesmo, essa crueldade de artista, esse deleite em se dar uma forma, como a uma matéria difícil, recalcitrante, sofrente, em se impor a ferro e fogo uma vontade, uma crítica, uma contradição, um desprezo, um Não, esse inquietante e horrendamente prazeroso trabalho de uma alma voluntariamente cindida, que a si mesma faz sofrer, por prazer em fazer sofrer, essa ‘má consciência’ ativa também fez afinal [...] vir à luz uma profusão de beleza e afirmação nova e surpreendente (GM – II §18).

A domesticação disciplina o comportamento e redefine o modo de sentir e de valorar. Ao transformar o sofrimento em signo de redenção, a moral do dever converte a memória em dispositivo de sujeição, capaz de capturar as forças vitais sob o imperativo da obediência. O homem moral, nesse sentido, é o resultado de uma longa pedagogia do sofrimento, uma aprendizagem em que a dor deixou de educar o corpo para se inscrever na alma. Ao converter o padecimento em virtude, a cultura moral fecha o círculo da domesticação, pois a vontade de potência, impedida de afirmar-se, é canalizada em formas de autocontrole e autovigilância que asseguram a estabilidade social à custa da vitalidade.

Katsafanas (2016) interpreta esse processo como uma transformação estrutural da agência humana. A interiorização dos instintos, longe de significar mera repressão, traduz uma nova forma de agir, na qual o homem aprende a dirigir contra si as forças que antes se exercitavam sobre o mundo. Nesse movimento, o sujeito torna-se objeto de sua própria ação: age sobre si, molda-se, disciplina-se e busca sentido na própria dor. Essa capacidade de autoformação, contudo, é ambígua. Se, por um lado, ela expressa uma forma de potência criadora, por outro, revela o preço da domesticação, já que a energia vital é redirecionada para a manutenção de uma ordem moral que faz da obediência uma virtude. O resultado é um tipo

de subjetividade que encontra valor na renúncia e mede a si mesma pela capacidade de suportar e justificar o sofrimento.

Essa forma de subjetividade, construída sobre a interiorização e o sofrimento, representa o ápice do processo de domesticação descrito por Nietzsche. O homem moral é aquele que aprendeu a agir sobre si mesmo, a vigiar seus impulsos e a transformar sua dor em medida de valor. No entanto, essa mesma capacidade de autorreflexão que sustenta a moral também encerra uma tensão, pois ao mesmo tempo em que possibilita a responsabilidade e a constância, ela restringe o campo da criação e aprisiona o indivíduo numa economia de culpa e expiação. A genealogia da moral revela, assim, a ambiguidade constitutiva da cultura, na medida em que a força que torna o homem capaz de prometer e responder por si também o submete a uma forma de vida que o afasta de sua potência afirmativa. A partir desse diagnóstico, Nietzsche vislumbra a necessidade de pensar uma nova relação com o sofrimento, com a memória e com o tempo, que liberte o homem da lógica da dívida e o reconcilie com o devir.

### **Considerações finais**

A investigação sobre a memória na *Genealogia da Moral* revela que a formação do sujeito moral é inseparável de um processo histórico de domesticação, no qual o sofrimento e a interiorização atuam como forças constitutivas da consciência. O homem torna-se responsável e previsível ao preço de sua espontaneidade, aprendendo a converter a dor em instrumento de disciplina e a culpa em princípio de identidade. A memória, nesse contexto, opera como dispositivo de poder e de subjetivação, inscrita nas práticas sociais que exigem a promessa, a dívida e o dever. Nietzsche mostra que a gênese da moralidade não se funda em uma elevação espiritual, mas em um longo trabalho de violência sobre o corpo e sobre os instintos, cujo resultado é a criação de um tipo humano capaz de dominar a si mesmo às custas de sua vitalidade.

Ao evidenciar a origem violenta da consciência moral, o filósofo propõe uma reavaliação do valor do sofrimento e da memória na constituição da vida. O problema não reside na dor em si, e sim na interpretação que a transforma em culpa e expiação. O sofrimento, quando compreendido a partir de uma perspectiva afirmativa, pode tornar-se força criadora, meio de superação e transfiguração. A tarefa filosófica, nesse horizonte, consiste em liberar o homem da memória como peso e reconduzi-lo ao esquecimento ativo, entendido como potência de regeneração e de abertura ao devir. Esquecer, nesse sentido, não é apagar o passado, e sim impedir que ele se torne tirano, devolvendo à vida a capacidade de começar de novo.

A superação da moral da culpa, portanto, exige a recuperação da dimensão trágica da existência, em que a dor e o devir deixam de ser negados para se tornarem afirmáveis. A memória, liberta de sua função punitiva, pode novamente servir à criação, permitindo que o homem volte a reconciliar-se com o fluxo da vida e com o acaso. Nesse horizonte, a filosofia nietzscheana revela-se como um exercício de transvaloração, que busca restituir à vontade humana sua capacidade de criar sentidos sem recorrer à negação ou à transcendência. Como indica Zaratustra, é preciso que o espírito passe pela criança:

Adquirir o direito a novos valores — eis a mais terrível aquisição para um espírito resistente e reverente. Em verdade, é para ele uma rapina e coisa de um animal de rapina. Ele amou outrora, como o que lhe era mais sagrado, o “Tu-deves”; agora tem de achar delírio e arbítrio até mesmo no mais sagrado, de modo a capturar a liberdade em relação a seu amor: é necessário o leão para essa captura. Mas disse-me, irmãos, que pode fazer a criança, que nem o leão pôde fazer? Por que o leão rapace ainda tem de se tornar criança? Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer sim: o espírito quer agora *sua* vontade, o perdido para o mundo conquista *seu* mundo (Z – I “Das três metamorfoses”).

A criança simboliza o reencontro com a leveza do devir e com a potência criadora da vida, na qual a memória deixa de aprisionar o homem à culpa e se torna novamente força de afirmação. Pensar a memória para além da domesticação é, em última instância, pensar a possibilidade de uma existência reconciliada com seu próprio excesso — uma vida que, ao invés de justificar o sofrimento pela moral, o integra como expressão da potência que continuamente se renova.

## Referências

CLARK, Maudemarie. Nietzsche’s immoralism and the concept of morality. In: SCHACHT, Richard (org.). *Nietzsche, Genealogy, Morality: Essays on Nietzsche’s Genealogy of Morals*. Berkeley: University of California Press, 1994. p. 14-31.

DANTO, Arthur C. Some Remarks on The Genealogy of Morals. In: SCHACHT, Richard (Ed.). *Nietzsche, Genealogy, Morality: Essays on Nietzsche’s Genealogy of Morals*. Berkeley; Los Angeles; Oxford: University of California Press, 1994. p. 35-49.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1962.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Nietzsche: esquecimento como atividade*. Cadernos Nietzsche 7, p. 27-40, 1999.

GIACOIA Junior, Oswaldo. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HAAR, Michel. *Vida e totalidade natural*. Cadernos Nietzsche, São Paulo, n. 5, p. 13–37, 1998.

HATAB, Lawrence J. *A genealogia da moral de Nietzsche: uma introdução*. São Paulo: Madras, 2010.

JANAWAY, Christopher. *Beyond selflessness: reading Nietzsche's Genealogy*. New York: Oxford University Press, 2007.

KATSAFANAS, Paul. *The Nietzschean self: moral psychology, agency, and the unconscious*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

LINGUEE. *Schlechte Gewissen*, Disponível em: <<https://www.linguee.com.br/portugues-alemao/search?query=das+schlechte+Gewissen>>. Acesso em: 17 de julho de 2025.

LINGUEE. *Sittlichkeit der Sitte*, Disponível em: <https://www.linguee.com.br/portugues-alemao/search?query=Sittlichkeit+der+Sitte>>. Acesso em: 28 de julho de 2025.

LEITER, Brian. *Nietzsche on Morality*. London: Routledge, 2002.

LEMM, Vanessa. *Nietzsche's Animal Philosophy: Culture, Politics, and the Animality of the Human Being*. New York: Fordham University Press, 2009.

MAY, Simon. *Nietzsche's Ethics and his War on 'Morality'*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A genealogia da moral: uma polêmica; tradução, notas e posfácio Paulo César de Sousa*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora: Reflexões sobre os preconceitos morais; tradução, notas e posfácio Paulo César de Sousa*. São Paulo, SP: 1ª ed. Companhia das Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém; tradução, notas e posfácio Paulo César de Sousa*. São Paulo, SP: 1ª ed. Companhia de Bolso, 2018.

REGINSTER, Bernard. *The Genealogy of Guilt*. In: MAY, Simon (ed.). *Nietzsche's On the Genealogy of Morality: A Critical Guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 56–77.